



Como você cuida da tua vocação?

Carta aos irmãos
JAN 2024

A pergunta que abre esta carta fraterna pressupõe algo muito importante: aquilo que não é cuidado, deteriora-se. Isso pode ser dito não só das coisas materiais ou das relações interpessoais, mas também dos aspectos espirituais e, claro, da própria vocação, do tesouro imerecido que cada um de nós carrega em *vasos de barro*¹. Lembro-me com carinho do Padre Jaume Pallarolas que, como provincial, entregava um vaso de barro a cada jovem que emitia os votos solenes, para lhe lembrar que o compromisso que assumia era maior do que ele próprio e que deveria cuidar dele dia após dia, com coragem e fidelidade.

Continuo realizando a visita canônica aos religiosos jovens adultos da Ordem e quero compartilhar com vocês uma simples reflexão relacionada a uma das perguntas fundamentais que coloco a cada um deles nos diálogos pessoais: *como você cuida de sua vocação?* A nossa autenticidade vocacional depende em grande parte da resposta que cada um de nós dá a essa pergunta.

Na tradição cristã, existe uma palavra que representa muito bem a importância de cuidar da própria vocação: *vigilância*. O Papa Francisco se referiu a ela numa das suas catequeses semanais². O conteúdo dessa catequese é altamente recomendado para todos nós e é bom pensar nele com atenção.

.....

1.- II Cor 4, 7

2.- Francisco. Catequesis en la audiencia general del 14 de diciembre de 2022

Francisco reflete sobre uma breve parábola de Jesus (Mt 12, 43-45) e refere-se a um dono descuidado com sua casa e que, estando ausente, permite que vários *espíritos malignos* se apoderem dela. É uma parábola sobre a vigilância, sobre a atenção ao próprio coração, sobre o cuidado da resposta, sem dúvida generosa, que todos desejamos dar ao chamado do Senhor. Gosto especialmente da reflexão que o Papa faz sobre a necessidade de estar atentos aos *“demônios educados, que entram em sua casa sem você perceber, disfarçados”*.

Gostaria de dedicar essa carta a esses “demônios educados” que devemos saber descobrir e trabalhar. Não há dúvida de que a mundanidade espiritual é o principal entre todos eles.

A mundanidade, que consiste em viver segundo o “espírito do mundo”, assume diversas formas e muitas delas passam despercebidas por nós. E, aos poucos, vai cumprindo o seu trabalho, que consiste fundamentalmente em nos tornar “mais um”, tirando tudo o que a nossa vocação tem como alternativa, sinal e horizonte. Vamos entrar nesse “pequeno diabo educado e cortês” e citar algumas de suas manifestações.

Conformismo espiritual. É a atitude do servo que enterrou o talento recebido e não o fez crescer nem dar frutos. A tentação do conformismo espiritual é muito forte e persistente e se manifesta de muitas maneiras: a ausência do cuidado da oração, o descaso com o trabalho interior, a falta de atenção aos desafios e sofrimentos dos irmãos, a desconexão com a vida da comunidade e da Igreja, a pouca leitura e reflexão etc. São muitas as manifestações desse conformismo espiritual, que transforma os cristãos, e também os religiosos, em pessoas e comunidades irrelevantes, embora possam parecer aplaudidos e valorizados.

O individualismo, que tem as suas raízes em parte no egoísmo e em parte no narcisismo típico da condição humana. O individualismo, que enfraquece a comunidade, às vezes, se disfarça de dedicação, trabalho e esforço pessoal. Mas, por baixo há, muitas vezes, uma busca pela própria fama, pelo próprio bem-estar, pela própria estima. E enfraquece radicalmente uma vocação como a nossa, que se baseia na experiência de

comunidade e na construção de espaços fraternos nos quais todos possamos caminhar juntos, partilhando os nossos dons individuais para o bem de todos. A humildade é um dos melhores antídotos contra esse demônio educado que quer ser o dono de todos.

As lamentações constantes. A atitude permanente de reclamação, de crítica, de lamentações diante daquilo que vemos e não gostamos, geralmente acompanhada de falta de compromisso em oferecer uma alternativa ou proposta, ou falta de realismo que, muitas vezes, nos impede de ver que não há outra possibilidade melhor para realizar o projeto comum. Certa vez, ouvi um bispo dizer que seria bom dar forma a um “novo voto religioso, o voto de não lamentar, para nos focar em construir”. Todos ficamos felizes com atitudes positivas, esperançosas, portadoras de propostas e de esperança. São elas as que transformam as críticas em contribuições.

Orgulho apostólico, típico de quem pensa que os “sucessos pastorais” são seus e que provoca uma cegueira terrível: esquecer que somos simplesmente “servos inúteis” e que o único dono da missão é o Senhor, que a confia à Igreja e esta à Ordem, e não à pessoa específica, que está simplesmente ao serviço desta missão. É bom ficar feliz porque as coisas vão bem, que as escolas funcionem, que o Movimento Calasanz cresça ou que tenhamos vocações. Mas quando isso provoca orgulho ou satisfação inconsciente da própria fragilidade, torna-se um caminho seguro que leva à inconsistência do projeto. Temos muitos exemplos dessa tentação.

Imprudência nas relações e na nossa presença pública, que nos leva a banalizar o que somos e a torná-lo “normal”. Às vezes, sou surpreendido por algumas publicações feitas por religiosos nas redes sociais, ou por algumas formas como utilizamos o nosso tempo livre, ou pelas relações descuidadas que mantemos, sem nos apercebermos que estamos colocando em risco o estilo de vida que assumimos. Os ambientes que frequentamos, a imagem pública que assumimos e o tipo de relações que cultivamos, muitas vezes, indicam onde está o nosso coração ou qual é o nível da nossa distração. E como, às vezes, recebemos aplausos ou o número de “curtidas” aumenta, ficamos tranquilos.

A superficialidade analfabeta. Admiramos quem lê e se educa, mas não os imitamos. E quando isso acontece, aos poucos, nos tornamos pessoas com pouca reflexão e pouca capacidade de compreender o mundo que nos rodeia, seus movimentos e suas razões. É verdade que, em certas fases da vida, não temos muito tempo para ler, mas isso não significa que não o possamos fazer. Creio que essa é uma das tentações que se pode combater bem na vida comunitária, oferecendo e partilhando opções de formação.

Autoengano. É uma das formas mais sofisticadas de mundanismo. Enganamo-nos, dando-nos razões que nos justificam ou adiando as decisões que sabemos que temos que tomar. É uma dinâmica que não é fácil de desmascarar, porque todos tendemos a justificar o que fazemos ou a minimizar dificuldades ou contradições. Por isso, é bom ficar de olho, vigiar.

A cultura do efêmero, da aparência, da boa aparência (ficar bem). A cultura do “vale tudo” pode levar-nos a perder de vista que a fé em Jesus e a vocação cristã não se baseiam nessas dinâmicas, mas na fidelidade consistente de quem constrói a sua vida sobre a rocha.

A vigilância espiritual consiste em guardar o próprio coração, ter consciência de nós mesmos. Essa tarefa não é fácil. E não é porque, para isso, tenhamos que reconhecer que não podemos fazer isso sozinhos e que precisamos da ajuda dos outros e do amor de Deus, que, muitas vezes, se manifesta em experiências que não são fáceis, mas carregam sementes de mudança pessoal.

Não há muitas parábolas explicadas pelo próprio Jesus. Sempre pensei que quando Jesus explica uma parábola, ele o faz, porque quer ter certeza de que entendemos o poder, a força, de sua mensagem. Uma dessas “parábolas explicadas” – e detalhadamente – é a do semeador. As sementes caem à beira do caminho, entre pedras, entre espinhos ou em terra boa. A razão pela qual a semente que cai entre os espinhos não dá frutos é muito significativa: as *preocupações do mundo*. Isso é, mundanidade. Está bem claro...

A segunda das sementes não dá frutos por falta de raízes. Penso que, com o mundanismo, acontece o contrário: tem raízes profundas,

muito profundas. É, por isso, que é difícil desenraizar. Como o mundanismo pode ser desenraizado? Como podemos avançar nesta emocionante luta espiritual? Acho que é bom falar sobre “luta espiritual”,

Calasanz dedica um capítulo das suas Constituições ao que chama de “afastamento do mundo”. Penso que o mais significativo desse capítulo é o seu início, os números 33 e 34. É a “porta de entrada” da sua reflexão sobre a “luta contra a mundanidade”. O que Calasanz afirma nesses parágrafos é que *“o fiel religioso que deseja obter do nosso instituto o fruto mais maduro, tem que permanecer unido a Cristo Senhor, desejoso de viver só para Ele e de amar só a Ele”*³. A seguir, o fundador enumera algumas atitudes e práticas típicas da mentalidade do seu tempo. Mas, ele nos deixa clara a sua aposta: “Procure não olhar para trás depois de pegar o arado. Deixe de lado os negócios deste mundo e as preocupações meramente seculares”⁴.

Acredito que a intuição de Calasanz aponta para a raiz, para a chave da luta para superar o mundanismo: a centralidade de Jesus Cristo na vida de cada um de nós. Não há dúvida de que o processo de identificação com Cristo, se for honesto e sincero, se for vivido conscientemente, se for autenticamente desejado, realizará gradualmente aquilo de *“estar no mundo sem ser do mundo”*⁵, que é a verdadeira proposta de Jesus para cada cristão e que nós, escolápios, somos chamados a assumir com certas exigências. Essa é a chave para superar a mundanidade e não se aprende facilmente. Não cuidamos da nossa vocação isolando-nos da realidade, nem a protegemos cancelando a sua contribuição alternativa. Só a faremos crescer se tivermos clareza sobre o centro e, a partir desse centro, assumimos as nossas opções e partilhamos as nossas decisões.

.....
3.- São José de CALASANZ. . Constituições da Congregação Paulina dos Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias, números 33 e 34.

4.- São José de CALASANZ. Constituições da Congregação Paulina dos Pobres da Mãe de Deus das Escolas Pias, número 35.

5. – Jo 15,19

Esse processo, sem dúvida, não é fácil. Calasanz já o descobriu na sua própria vida, por isso afirmou que é bom *“ter deixado o mundo, mas é melhor viver de tal forma que o mundo te despreze”*⁶.

Aprendo muito com as respostas que os jovens escolápios dão à minha pergunta: como você cuida da sua vocação? O que vejo é uma busca honesta de fidelidade, através da vida cotidiana vivida com uma consciência crescente de pequenez e de conversão. Surgem mediações ordinárias que não são novas, mas são eficazes: a oração pessoal, o serviço humilde nas tarefas comunitárias, a vida de pobreza, o diálogo formativo, a meditação, o trabalho exigente, a responsabilidade nas próprias tarefas, o trabalho para conhecer melhor Calasanz, a luta contra o desânimo por fracassos ou indiferença, dedicação às crianças, esforço para não se procurar a si mesmo etc.

Acredito que todas essas simples mediações de fidelidade vocacional nos aproximam do exigente ideal proposto por Calasanz, expressão mais clara do que significa cuidar da própria vocação: *“Você não deu nada a Cristo se não lhe deu todo o seu coração”*⁷. E, para isso, não há outro caminho senão no dia a dia.

Recebam um abraço fraterno

Padre Pedro Aguado Sch.P.

Padre General

.....

6.- São José de CALASANZ. Opera Omnia, volumen 10, página 394

7.- São José de CALASANZ. Opera Omnia, volumen 10, página 394